

INTERESPAÇO

Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

DAS IMAGENS DO EROS AO BELO EM SI NO DIÁLOGO *O BANQUETE DE PLATÃO*

Vanessa da Silva Dias

Graduada em Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Grajaú
vdvanessadasilva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o Eros n' *O Banquete* de Platão, apresentando as múltiplas imagens de Eros contidas nos discursos dos personagens da obra. Demonstrando o processo de ascese platônica de Eros, assim, como demonstrar até que ponto o discurso de Sócrates-Diotima é relevante para a *desimagetização* dos discursos de Eros na Grécia Clássica. Essa apresentação da ascese dialética do Eros n' *O Banquete* é o objetivo central proposto neste artigo, uma vez que, o mesmo é entendido como força mediadora entre o sensível e o inteligível na busca constante do conhecimento do Belo em si.

Palavras-chave: Eros; *O Banquete*; Belo em si.

OF THE EROS PICTURES BEAUTY ITSELF IN DIALOGUE THE PLATONIC SYMPOSIUM

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the Eros in *The Symposium* written by Plato, presenting the multiple Eros's pictures within the characters dialogues from his book. Demonstrating the Eros' platonic asceticism process, as well as showing until which point Socrates-Diotima's speech is relevant to the Eros' speeches *deillustration* back in Classic Greece. This presentation of the Eros' in *The Symposium* asceticism dialectic, it is the focus proposed by this article, once it is known as the mediator force between the sensible and the intelligible on the constant search for the Beauty Itself knowledge.

Keywords: Eros; The Symposium; Beauty Itself.

DES IMAGES D'EROS AU BEAU LUI-MÊME DANS LE DIALOGUE LE BANQUET DE PLATON

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser l'Eros dans *Le Banquet* de Platon, présentant des plusieurs images d'Eros contenues dans les discours des personnages d'ouvre. Démontrant le processus de l'ascèse platonicienne d'Eros, ainsi que de démontrer dans quelle mesure le discours de Socrates-Diotima est pertinent pour la *desillustration* des discours d'Eros dans la Grèce Classique. Cette présentation de l'ascèse dialectique d'Eros dans *Le Banquet* est l'objectif principal dans cet article, car il est entendu comme une force de médiation entre le sensible et l'intelligible dans la recherche constante de la connaissance du Beau lui-même.

Mots-clés: Eros; *Le Banquet*; Beau lui-même.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar o testemunho do amor escrito na Grécia clássica, no diálogo de Platão: *O Banquete*. No qual, nos propomos apresentar filosoficamente o conceito de Eros nos discursos contidos na obra, com o intuito de compreender como o Eros era tratado pelos cidadãos da Grécia antes e no tempo de Platão, ressaltando a relevância do Eros para a organização da *Polis*. Além disso, busca-se demonstrar a importância da compreensão e definição filosófica do conceito de Eros para a filosofia de Platão a partir do discurso de Sócrates sobre Eros.

Assim há como eixo de investigação a ascense dialética impulsionada por Eros como busca constante na obtenção do conhecimento. Essa ascense antes de tudo é primordial para o entendimento da obra “*O Banquete*” a partir dessa visão que nos propomos a estudar, a interpretar e a demonstrar neste artigo, bem como, para a desimagetização dos discursos proferidos pelos personagens dessa obra. No entanto, para falar do amor em Platão, Pessanha (2013, p. 78) ressalta que se faz necessário tratar algumas questões prévias, uma delas é o significado, de modo geral, da filosofia de Platão, pois nunca um filósofo “exerceu ou exerce maior influência na cultura ocidental”.

Além do conhecimento prévio da vida e obra de Platão, que foram extremamente ligadas à vida política e cultural da Grécia Clássica, o método utilizado pelo mesmo é fundamental para nosso estudo. De acordo com Reale e Antiseri (2003), Platão afirma que o conhecimento é “*anamnese*”, ou seja, é uma forma de recordar o que já existia na alma, uma vez que, esse novo caminho encontrado por Platão foi necessário para superar aporias. Esse conhecimento se apresenta de duas formas: a mítica que é ligada as doutrinas órficas-pitagóricas, cuja alma é considerada imortal, sendo que renasce várias vezes; e o modo dialético, “que todo homem pode aprender verdades que antes eram ignoradas por si mesmo.” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 146).

Reale e Antiseri ressaltam ainda que o conhecimento é dado por graus que se encontram subdividido em duas partes: o da imaginação e o da crença. E a ciência que se subdivide em Conhecimento Mediano e Pura Intelecção. O processo do conhecimento é a dialética que pode ser ascional ou sinótica, que vai do mundo sensível às ideias, e o descensional ou diairética que parte da ideia geral para a ideia particular. (REALE e ANTISERI, 2003, p. 146).

No entanto, ainda conforme Reale e Antiseri, Platão afirma que para compreender a forma pela qual a alma conhece e aprende, só precisa extrair de seu próprio interior a verdade, e essa ação implica recordação. Para Chauí, a base da teoria do conhecimento platônico e da dialética como método, consiste em separar o sensível do inteligível, e o visível do invisível, sendo essa separação não somente a base da teoria, mas também o instrumento para a passagem do sensível ao inteligível e do visível ao invisível.

Chauí (1994, p. 191-193), assim como Reale e Antiseri, sustenta que o conhecimento é dado por graus: o primeiro grau são as imagens (*eikasía*), o segundo é a crença (*pístis*), o terceiro raciocínio dedutivo (*diánoia*) e o quarto é a ciência (*epísteme*).

De acordo com Chauí, a dialética é um método para conduzir a um diálogo, captando as contradições e os desvios que incomodam o caminho para se chegar a conclusão concreta sobre determinada coisa. Ou seja, é uma técnica científica baseada em perguntas e respostas que buscam o desconhecido, um exercício que se divide em duas partes:

Uma atividade que se realiza em duas etapas: a primeira, inferior, opera com as contradições das opiniões e crenças; a segunda, superior ou verdadeira dialética, opera desfazendo as hipóteses (em geral hipóteses matemáticas) para alcançar o incondicionado, a ideia pura, captando o *logos* de uma essência (*ousía*), isto é, a forma ou ideia (*eidos*) (CHAUI, 1994, p. 194).

São nesses princípios tratados acima, que faremos nossa análise sobre o Eros em *O Banquete*, levando em conta as contradições e os graus de conhecimento para chegar ao Belo em si.

TRÊS INTERPRETAÇÕES DO EROS DE PLATÃO

É interessante antes de abordarmos o tema central de nosso artigo, apresentar três diferentes interpretações sobre o Eros n' *O Banquete*, esse interesse dar-se-á pelo fato de queremos mostrar que existem diversas interpretações sobre o Eros, o qual optamos por trazer como exemplo apenas três. Primeiramente apresentaremos uma interpretação polêmica, a de Hans Kelsen em sua obra *A ilusão da justiça* (2000), na qual o mesmo afirma que o *Banquete* é uma narrativa sobre a defesa do amor homossexual contra a repreensão habitual da época de Platão que não foram expostas, porém, foram implicadas no diálogo. Além de uma alegação contra a insinuação do modo antissocial do Eros. Neste sentido, Kelsen analisa o discurso dos personagens do *Banquete* mostrando como foram proferidos os mesmos ao Eros pederasta.

O Eros, exaltado por Fedro como cita Kelsen, será o que todos terão em mente, e a partir do primeiro discurso, Platão já destaca o emprego social excitante desse Eros, e que sem ele nem o Estado e muito menos o indivíduo seriam capazes de brotar grandes e belas obras, cuja relação existente entre amante e amado desperta e refugia a decência, a bravura, a disposição para o sacrifício particular, sendo essas, todas as qualidades imprescindíveis para garantir a sociedade.

O objetivo do amor não é o belo, como Sócrates acreditava, e sim, a procriação, o dar à luz no belo, uma vez que a procriação é o eterno e imortal e ambos juntos em meio ao mortal. De acordo com essa doutrina, o amor também deseja essencialmente a imortalidade. Segundo Kelsen (2000, p. 132-133), o ponto em que é afirmada a imortalidade é o sentido da procriação, por isso garante-se logo à procriação espiritual, alvo de toda essa argumentação a preferência sobre o corpóreo.

Outra interpretação interessante e que seguimos mais de perto, é a de Goldschmidt. Ele parte das opiniões falhas de *O Banquete* acerca da imagem, cujos cinco oradores cometem o mesmo erro, pois era sobre a qualidade de Eros que seus discursos eram proferidos e não sobre a sua essência. No entanto, foi necessária a análise apenas do discurso de Agatão para constatar a falha de todos que o antecederam, pois fala que o Eros é belo. Neste sentido, Goldschmidt faz um paralelo entre *Íon* e *O Banquete* para expor esse ponto de partida acerca do Eros (GOLDSCHMIDT, 2002, p. 209).

Assim, Goldschmidt acerta que ao falar que Eros é relativo às belas coisas está fazendo uma confissão e uma exigência. Tendo em vista que o Eros não é belo, utiliza-se o sentido oposto, que a ordem religiosa se opõe a esse tipo de qualificação. Porém há duas hipóteses que são contrárias, em que, Diotima usa dois termos que admitem um intermediário, no entanto, chega à conclusão de que: “[...] Eros é relativo às belas coisas; Eros não é feio (porque afirmá-lo seria blasfematório). Portanto, Eros é intermediário entre o belo e o feio” (GOLDSCHMIDT, 2002, p. 211).

Conforme Goldschmidt, Platão ressalta a divisão dos modos de conhecimento, do qual, o quinto modo com a mesma crítica, reunia todos os modos que tinham defeitos: eles se submetiam à alma e não a sua essência. No que diz respeito à ciência, ressalta a necessidade de passar às consequências, tendo em vista que esse é o movimento descendente e o responsável por nos levar ao mundo sensível, em que, essa função é atribuída ao elogio de Alcibiades a Sócrates, cuja característica científica do elogio de Alcibiades se constata igual em seu arranjo que pode ser comparável a uma descida geométrica do *Fedro*.

Por último, temos a interpretação de Giovanni Reale, que analisa a doutrina do Amor platônico, a partir das “Doutrinas-não-Escritas” de Platão. Assim, ele busca nos discursos de Erixímaco, Aristófanes e Sócrates-Diotima apontar as características dessa doutrina. Ele ressalta ainda a necessidade de uma questão indispensável a ser enfrentada *a priori*, a saber, como o conceito da dimensão cósmica do Eros é tematizado em *O Banquete*, “[...] O significado global do nexo de *philia* e Eros com o Princípio primeiro e supremo, que é o Bem e a *medida absoluta*, nos escaparia se limitássemos o alcance da amizade e do amor ao homem e a esfera antropológica” (REALE, 1991, p. 347).

O primeiro discurso utilizado por Reale para falar dessa dimensão cósmica do Eros é o de Erixímaco, em que as duas formas de Eros, a boa que é responsável pelas coisas positivas e harmônicas, e a má que é baseado no excesso e na desordem, são pontos de partida. Essas duas faces de Eros encontram-se presentes também na fala de Pausânias, embora de forma diferente de Erixímaco.

Reale reafirma sua tese da relação entre o discurso de Sócrates-Diotima com as “Doutrinas-não-Escrita” de Platão. De acordo com Reale a superação da dualidade não é realizada numa simples busca da outra metade que nos é adequada em nível antropológico, mas na busca de algo que seja mais elevado, assim como o Bem em si. Tendo em vista que cada um busca em outro o Bem, sendo que procurar possuir sempre o outro é tentar sempre ter o Bem, ou melhor, o Uno no sentido que conhecemos.

EROS COMO IMAGEM n’O BANQUETE DE PLATÃO

Na busca de compreender as imagens do Eros contidas n’O *Banquete*, investigamos por meio dos mitos, abordando assim, os discursos de Fedro, Pausânias, Aristófanes e Diotima. Mas por que justamente os mitos? Qual a importância deles para entender as imagens de Eros? A resposta não é tão difícil, uma vez que os mitos são narrativas utilizadas pelos gregos antigos para explicar fatos e fenômenos da natureza, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles mesmos. Os mitos se utilizam de muita simbologia e personagens, como deuses e heróis. De acordo com Droz, o mito platônico não possui uma única definição, neste sentido se caracteriza como uma narrativa que:

[...] rompe com a demonstração dialética; interrompe o discurso conceitual e propõe-se, mais ou menos explicitamente, como um outro tipo de discurso: não mais abstrato, mas metafórico; não mais dedutivo, mas narrativo; não mais argumentativo e sim sugestivo. Apela antes a imaginação do que ao raciocínio; por vezes, à sensibilidade estética ou ao sentimento religioso. Mas, ao mesmo

tempo em que interrompe o discurso argumentativo, substitui-se a ele (DROZ, 1997, p. 10).

Um mito também pode ter a função de manifestar alguma coisa de forma forte ou de explicar os temas desconhecidos e tornar o mundo conhecido ao homem. Os discursos míticos têm a função de ser o único a explicar, de acordo com Droz (1997, p. 11), tudo que esteja “aquém ou além do discurso possível da filosofia”. E é nessa perspectiva que faremos a exposição das imagens de Eros por meio dos mitos. Contudo, esses mitos são fundamentais para a compreensão da obra *O Banquete* de Platão. Assim, passaremos à análise dos discursos citados acima.

Jaeger na *Paideia*, afirma que Fedro repreende os poetas, pois a incumbência deles é de cantar os deuses em hinos, isso não aconteceu com o deus Eros, e, conseqüentemente, o anseio de Fedro é completar esse vazio (JAEGER, 2013, p. 731). Dessa forma, Fedro defende que Eros é um grande deus. Como argumento para defender tal afirmação utiliza Hesíodo e Parmênides, assim como Acusilau que também concorda que o Amor seja um deus e o mais antigo. Sendo ele responsável pela causa dos maiores bens e condutor do homem na contemplação do que é belo, afastando-se das coisas feias, pois o amor torna o amante virtuoso, de acordo com Fedro:

Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode incutir tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como o amor. A que é então que me refiro? À vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras (*O Banquete*, 178c-d).

Para Fedro, quando ficamos apaixonados buscamos fazer atos bons e belos, procurando sempre ser correto para agradar e chamar a atenção da pessoa amada. Portanto, o amor tem a propriedade de tornar o amante virtuoso. Assim, segundo Jaeger, a ideia primordial de Fedro no seu discurso é a “[...] interpretação política de Eros como instigador da ânsia de honra e engendrador da *areté*, sem a qual não poderiam substituir nem amizade, nem a comunidade, nem o Estado” (JAEGER, 2013, p. 731-732. Grifo do autor). Assim, esse Eros é guia da comunhão social, deste modo, numa sociedade que se ama a ação contrária trará a repugnância, e a beleza aplausos em busca da admiração e reconhecimento do amado.

Fedro nos apresenta três exemplos diferentes de virtudes por meio da relação Amor-morte. Um deles é a da filha de Pélias, Alceste, que deu uma prova do seu amor, pois morreu pelo marido, sendo esse ato considerado de heroísmo, não só aos olhos dos

homens, mas dos deuses, que conceberam que sua alma subisse do Hades (*O Banquete*, 179b-d).

Outro exemplo é o de Orfeu, que se acovardou e não trouxe sua mulher de volta, pois não queria morrer por ela, planejava resgatá-la viva do Hades. Portanto o amor é visto no discurso de Fedro como inspiração da virtude e da honra, cujos amantes doam-se por inteiro, e se submetem a sacrifícios em prol de seu amado. Fedro não exemplificou só a relação amor-morte-virtude, mas passou ao exemplo da relação amor-cidade-virtude. Pois segundo ele, nem a cidade nem os indivíduos são capazes de construir obras belas e grandes sem o amor (*O Banquete*, 178d). Fedro finaliza seu discurso reafirmando a imagem do amor como mito: “assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte” (*O Banquete*, 180b).

Logo no início de seu discurso, Pausânias estabelece a diferença entre o sexo e o amor, ele refuta o discurso de Fedro defendendo que são dois os amores e não um como foi afirmado, pois são duas Afrodites, ou seja, duas desusas do amor. E sendo dois os amores, é necessário que seja distinguido o que é digno de ser elogiado e louvado.

Uma Afrodite é a filha de Urano, é a mais velha e denominada de Urânia a Celestial, a outra a mais nova é filha de Zeus e de Dione que é chamada Pandêmia a Popular. Para Pausânias, deve-se louvar o Eros que nos leva a amar belamente, “Assim é que o amar e o Amor não é todo ele belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente” (*O Banquete*, 180d-e).

Pausânias passa então a diferenciar as duas Afrodites. O amor de Afrodite Pandêmia popular é o amor erótico, carnal, que não se preocupa com o outro, mas busca somente seu prazer, caracterizando-se como um amor vulgar, que termina facilmente, um amor perecível, amor entre corpos. “[...] o Amor de Afrodite Pandêmia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres, que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma” (*O Banquete*, 181b-c).

Diferente da Afrodite exposta acima, a Celestial é a deusa do Amor nobre que ama a alma de seu amado e não somente seu corpo, é o amor belo, sublime e digno de receber os maiores elogios, e este é o mais antigo, esse amor é o superior, o intelectual.

[...] Urânia, que primeiramente não participa da fêmea, mas só do macho — e é este o amor aos jovens — e depois é a mais velha, isenta de violência; daí então é que se voltam ao que é másculo os inspirados deste amor, afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência. E ainda, no próprio

amor aos jovens poder-se-iam reconhecer os que estão movidos exclusivamente por esse tipo de amor; não amam eles, com efeito, os meninos, mas os que já começam a ter juízo, o que se dá quando lhes vêm chegando as barbas. Estão dispostos, penso eu, os que começam desse ponto, a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não a enganar e, depois de tomar o jovem em sua inocência e ludibriá-lo, partir à procura de outro (*O Banquete*, 181c-d).

Para Pausânias, o amor entre dois jovens não era o recomendável, nem entre velhos sábios também, visto que não era o agradável. E por fim, o Amor entre um homem e uma mulher seria inconcebível, pois a mulher era tida como inferior ao homem e nada teria para ensinar. Assim, o Amor belo é entre homens, desde que um seja sábio e virtuoso e o outro um jovem aprendiz, que almeje aprender e que seja um pouco inteligente, pois é o único amor que pode garantir que os dois possam vir a ser virtuosos. Mas esse tipo de amor não era bem visto entre todos os povos da Grécia antiga.

Embora não seja unanimidade essa forma de amor na Grécia, Pausânias conclui seu discurso dizendo que o amor belo é sem dúvida o amor entre os homens, esse amor entre um velho sábio e um jovem aprendiz, um amor legitimamente intelectual, pois enquanto o jovem está amando consequentemente poderá estar aprendendo o que é a justiça e a virtude, e o velho estará desenvolvendo sua sabedoria, posto que esse amor fortalecesse tanto o velho como o jovem. E é esse amor digno de louvor inspirado pela deusa Celestial.

Entre os mitos de Platão sobre o Eros, o mais conhecido é o do Andrógeno de Aristófanes, e a partir desse mito temos uma das mais belas imagens de Eros na Grécia Antiga. Para ele, os maiores altares e louvores seriam feitos em sua honra: “[...] é ele com efeito o deus mais amigo do homem, protetor e médico desses males, cuja cura dependeria sem dúvida a maior felicidade para o gênero humano” (*O Banquete*, 189d).

Jaeger (2013, p. 337) lembra que Aristófanes com seu discurso magnífico, volta para os fenômenos humanos concretos do amor e a metafísica do homem em busca da sua totalidade do ser. Numa visão poética, apresenta um incomparável e misterioso poder do amor sobre o homem. Aristófanes faz seu discurso a partir do mito da criação do homem, descrevendo o mito do Andrógeno, que narra à origem da necessidade do homem buscar aquilo que lhe falta como metade.

Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois

sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor (*O Banquete*, 189e-190a).

Não existia um único modelo de andrógino. Havia três espécies. Uma era constituída do masculino do sol, outro do feminino da terra e o que possuía os dois sexos eram descendentes da lua. Tais gêneros eram fortes, no entanto, eram curiosos, a ponto de se juntarem para, formando uma espécie de escada, chegarem até os deuses para ver os que eles estavam fazendo. Nesse empreendimento, foram vistos por Zeus, do qual procura uma solução para puni-los por tal afronta, uma vez que não podia matá-los porque precisava deles, dessa forma, decidiu então parti-los, separando uns dos outros.

Cada detalhe do corpo era feito cuidadosamente até chegar à imagem de homem que temos hoje caminhando sobre duas pernas. Depois da separação os seres seguiram em busca de sua metade, uma busca árdua, na qual se entrelaçavam com metades opostas, “morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro” (*O Banquete*, 191b).

Por meio deste mito, Aristófanes mostra o Eros como aquilo que se perdeu e que se busca encontrar, sendo assim, a verdadeira meta de Eros é a harmonia e a plenitude espiritual, Eros está dentro do processo de formação da personalidade. A procura da sua metade é a procura da plenitude. A partir dessa divisão e dessa busca, o amor se tornou um desejo, uma vontade de completar-se, que está sempre na busca de algo que lhe falta. A união é o remédio para a cura e para a felicidade.

Após tratarmos do discurso de Aristófanes passaremos agora para Diotima que afirma que o Eros é um intermediário entre a ignorância e a sabedoria, uma vez que ele nasceu de seu pai Recurso e da sua mãe Pobreza. Conta Diotima que os deuses estavam festejando o nascimento da deusa Afrodite, entre os convidados estava o deus Recurso. Após o jantar a Pobreza estava à espreita para receber as migalhas, e Recurso embriagado com néctar acaba adormecendo no jardim de Zeus, Pobreza maquinava engendrar um filho de Recurso e assim deita ao lado dele e concebe o Eros.

De acordo com Diotima, o Eros é amigo, é belo e servo da deusa Afrodite, uma vez que foi concebido na festa em honra ao nascimento dessa bela deusa. Contudo, o Eros possui dupla personalidade por parte de sua mãe e de seu pai,

[...] E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar [...] Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e energético, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e

nem imortal é a natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece (*O Banquete*, 203c-e).

Esse mito do nascimento de Eros, apresentado por Diotima, mostra o Eros como possuidor de dupla natureza, pois de sua mãe herda as maiores necessidades, e de seu pai, adquirir as mais belas virtudes. Assim, o Eros não é totalmente desprovido de virtudes e nem o detentor deles, não sendo ele nem belo, muito menos delicado, estando assim como intermediário entre a virtude e a necessidade.

Passamos agora a discorrer sobre o discurso de Erixímaco, que, conforme Jaeger, “é uma terceira tradição espiritual”, pois diferente dos outros personagens o seu discurso não se prende na visão do homem, mas a natureza; defendendo assim “[...] o poder gerador de Eros como princípio do devir de todo o mundo físico, como potência criadora daquele amor primigênio que tudo anima e penetra, com o seu ritmo periódico de pleno e vazio” (JAEGER, 2013, p. 735).

O médico Erixímaco traz sua contribuição, mantendo a posição de Pausânias de que há um Eros bom e um mau, e que, de acordo com o mesmo Pausânias, não rematou o seu discurso como deveria, de uma forma bem mais sólida como no início, assim Erixímaco tentará fazê-lo usando a medicina. Segundo a imagem do amor de Erixímaco, o amor não está apenas na alma dos homens, mas também em outras partes, nos corpos dos animais, nas plantas da terra e em todos os seres, é o que ele crê ter constatado através do estudo da medicina, pois no decorrer do seu discurso fará uma homenagem a esta arte. Erixímaco trata o Eros como “saudável” e “mórbido”, pois: “[...] A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, e o dessemelhante deseja e ama o dessemelhante. Um portanto é o amor no que é sadio, e outro no que é mórbido” (*O Banquete*, 186b).

Neste sentido, Erixímaco trata sua concepção de amor semelhante ao de Pausânias, trazendo o tema para o campo da saúde dos corpos, ele trata o Eros como unificado ao bem, sendo ele a essência de todas as coisas, pois através da arte da medicina, constata que o amor está presente em todos os seres e que o ser é a unidade de toda a multiplicidade reunida, na qual passa da desordem para a ordem, dessa forma estabelecendo a harmonia entre ambas as partes, ou melhor, estas fazem parte de uma composição, de um todo conector e interligado. De acordo com o discurso de Erixímaco, o mundo é composto por opostos.

Mesmo Erixímaco, apresentando o mundo como composto por opostos, o mundo real é um lugar onde esses opostos se apresentam, mas o mundo apresenta esses opostos de forma harmonizados e a causa dessa harmonia é o Eros, que é a força, e a energia que atrai ordenadamente os opostos. No entanto, se o mundo é composto pela harmonia entre os opostos, então o que seria harmonia? Seria a harmonia um equilíbrio entre os opostos, a moderação entre os mesmos, de modo que a moderação é o amor saudável. Erixímaco conclui seu discurso ressaltando o poder universal que o amor possui. Poder este que Eros concentra em si e que transmite a nós, a harmonia que é a essência e a justiça para a convivência humana.

Passamos agora ao último discurso antes de Sócrates, feito por Agatão, ele louva primeiro o Amor em sua Natureza para depois louvar seus dons. O poeta Agatão inicia seu discurso eloquente e belo, fazendo uma crítica a todos que elogiaram o Amor anteriormente ao seu discurso, pois afirma que os elogios que haviam sido feitos não eram para os deuses, e sim para os homens que felicitavam os bens que os deuses lhes atribuíam, e que o Amor é justo em ser o primeiro a ser louvado em sua natureza para depois louvar seus dons: “[...] Digo eu então que é, e de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor. Ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue” (*O Banquete*, 195a).

Neste sentido, Agatão apresenta o amor como o mais belo, e ao contrário de Fedro expõe a imagem de Eros como o mais jovem dos deuses, pois o amor é rápido e procura fugir da velhice, e além de jovem é delicado, precisa apenas de um poeta como era Homero para mostrar a sua delicadeza. Usando as palavras de Homero, Agatão expressa a pura delicadeza do Amor, “seus pés são delicados; pois não sobre o solo se move, mas sobre as cabeças dos homens ela anda” (HOMERO apud *O Banquete*, 195d).

No discurso de Agatão, o Amor floresce entre o que é belo, bem florido e perfumado, e nestes lugares ele se assenta e fica. Segundo Agatão: “O amor não comete e nem sofre injustiça, nem de um deus, nem de um homem ou contra um homem” (*O Banquete*, 196b). Agatão diz que o amor possui todas as virtudes, é justo, prudente e bravo. O poeta Agatão traz vários argumentos para defender sua tese de que o Amor é a identificação entre o amante e o amado. Mas, por que o amante e o amado se identificam? Porque eles são sempre parecidos, o amor é o encontro entre iguais. O semelhante busca o semelhante, o belo busca o belo, o justo busca a justiça, e assim por diante. Para Agatão, o Amor é o belo, sendo assim ele busca e atrai a beleza.

DAS IMAGENS DO EROS AO BELO EM SI

O percurso que fizemos até aqui foi necessário para apresentar as imagens do Eros nos discursos dos personagens que antecederam ao discurso de Sócrates. Isso nos permite compreender melhor o processo de ascese que vai do mito ao *logos*. Esse processo ocorre pela *desimagetização* do Eros operado por Platão n’*O Banquete* a partir do discurso de Sócrates-Diotima, desmitificando o Eros e apresentando o processo de ascese que se dá de forma gradativa rumo ao Belo em si.

Aqui, destaca-se a importância de alguns comentadores fundamentais para nosso trabalho, uma vez que, nos propomos a fazer um diálogo com um número bem maior de comentadores da obra “*O Banquete*” para que essa discussão se dê de forma bem mais ampla com opções diversificada para que o leitor possa construir suas visões de diferentes maneiras a partir da visão desses autores que utilizamos. Um deles é Werner Jaeger, que afirma que a teoria de Eros é desenvolvida por Platão partindo de uma dialética negativa, de forma mítica e não didática, pois o mesmo apresenta Eros como descendente de opostos, ou seja, de Recurso e Pobreza em oposição ao mito de Agatão. Neste sentido, Platão preserva de forma consciente a imagem da mistagogia que é a forma ou ato de instruir alguém nas coisas misteriosas.

José Américo Pessanha defende as diversas faces de Eros, ressaltando que Platão põe na boca de Sócrates um discurso que parte de questionamentos, no qual refutará a fala de Agatão que o antecederá, no intuito de esclarecer os equívocos cometidos pelos mesmos que exaltam em seu discurso a beleza perfeita de Eros como o mais belo, jovem e delicado dos deuses.

Geneviève Droz na sua obra “*Os mitos Platônicos*” não discorda dos comentadores acima, contudo, traz uma colaboração fundamental: o discurso de Diotima como revelação. Ele nos mostra ainda que há quatro relevantes momentos dessa lenta meditação sobre o amor que merece ser retomada, e um desses momentos é iniciado antes da fala de Diotima com o discurso de Aristófanes e seu mito do andrógênio, em que ressalta nossa incompletude, pois conta Aristófanes que por ordem de Zeus fomos cortados ao meio, e que essa separação nos proporcionou a mutilação e a separação. Dessa forma o Eros é antes de qualquer coisa “nostalgia da nossa unidade”.

Goldschmidt, comentador fundamental para nós, apresenta a tese de que Sócrates chega à conclusão de que é mais válido ligar-se à verdade partindo primeiro das imagens,

pois esse desvio, que é necessário, ocorre porque não conseguimos apreender de primeira o objeto, além de ser uma necessidade para quem almeja obter uma ciência perfeita do objeto.

Assim, o percurso que vai do mito de Eros ao Belo em si passa pela *desimagetização* popular e cotidiana sobre o Eros. E é Diotima, uma mulher especialista no amor, introduzida por Sócrates no diálogo, que nos apresentará o caminho ao Belo em si. Chegamos assim não só à revelação sobre o Eros, mas ao momento didático em que Diotima apresenta o movimento de ascese em busca do Belo em si.

[...] quando então alguém, subindo a partir do que aqui é belo, através do correto amor aos jovens, começa a contemplar aquele belo, quase que estaria a atingir o ponto final. Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos belos ofícios para as belas ciências, até que das belas ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo (*O Banquete*, 211b-c).

Essa passagem também é destacada por Pessanha, que descreveu que Eros é um filósofo, pois ele é o amor da sabedoria que não possui, uma vez que o amor é pertencente do belo e a sabedoria as coisas que são belas, dessa forma o Eros é intermediário entre a sabedoria e a ignorância, a eterna busca pela passagem de uma para outra, e o responsável por tal passagem é um parto em beleza que se dá no corpo, assim como na alma (PESSANHA, 2013, p. 97). Ele reafirma que, o discurso proferido por Sócrates e Diotima para falar dessa conquista do Belo por Eros, é fruto de uma ascese, que é um processo progressivo, indo de um corpo para belos corpos e dos belos corpos para os belos ofícios e assim sucessivamente até chegar ao Belo em si.

Destacando a passagem de ascese anteriormente, Droz ressalta que Diotima afirma que o objeto do amor consiste no parto na beleza, independentemente se é no corpo ou na alma, e que essa ultrapassagem causada pela tensão em busca do que se carece, acaba por surgir um novo elemento que é a fecundidade, pois de acordo com Droz “[...] O amor é fecundo, na sua modalidade banal de procriação e também naquela, intelectual ou espiritual, de criação $1+1=3$ ” (DROZ, 1997, p. 89).

Essa ascese se efetua por graus como já foi demonstrado acima cuja elevação generalizante e completa chega ao núcleo, que é a contemplação da plena Beleza. Assim, afirma Pessanha que o amante que tem um amor persistente, amor de um filósofo, depara-se com um amado perfeito.

Por fim, Droz (1997) afirma sobre a ascensão enfatizando que o primordial continua sendo o mesmo, a Verdade, o Bem e a Beleza, pois os mesmos não passam de manifestações da mesma e única realidade suprema, ou seja, o próprio Deus, sendo duas vias a do conhecimento e a do amor, são responsáveis por mediar o acesso a esse Deus, quando nosso autor afirma no final dessa vagarosa mediação d'*O Banquete*, compreendeu-se que o amor e o *metaxu*, são intermediários entre mim e o outro, e dos contrários, entre pobreza-abundância, ignorância-sabedoria entre outros. E que o amor não é tão diferente, talvez o mais relevante, pois é intermediário entre sensível e inteligível, entre humano-divino.

Ao comparar a ascese do Mito da Caverna e do Eros ao Belo em si, Droz mostra que o início da ascese em ambos é composto por imagens cotidianas e é função da filosofia provocar a saída da caverna, e nesse sentido, Goldschmidt nos esclarece que por essa necessidade contrária às vontades dos homens, os Diálogos estão repletos de protesto contra o acomodamento dos mesmos apegados ao mundo das imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Banquete* nos apresenta que o processo de ascese necessitou passar pelo sensível (imagens) para chegar ao inteligível (Belo em si), que indo do belo corpo aos belos corpos, propicia belos discursos que passam pelas belas almas, transitando pelo conhecimento, seguindo assim de ideia em ideia, até chegar ao Belo em si. Nota-se ainda, que em cada degrau da ascese rumo ao Belo em si, o inteligível ganha mais atenção, pois somente através dele poderemos estabelecer e perceber as diferenças entre o sensível que são as imagens e a Verdade articulada por Diotima que é o filósofo, pois ele é o intermediário entre a sabedoria e a ignorância, ou seja, ele é o perfeito amante. Fundamental destacar que a ascese em busca do Belo em si, é efetuada fundamentalmente pelo intelecto, apesar de seu início sensível.

Destacamos uma diferença na essência do Eros, este é denominado como deus para Agatão e *Daimon* para Diotima, ou seja, na primeira parte d'*O Banquete* é visto como deus e na segunda como intermediário. A importância deste último está no fato de que o que está em jogo não é o desejo propriamente dito, mas o objeto do desejo. Desejo este daquilo que se carece, do contrário, sem Eros não há desejo e sem desejo não haverá conhecimento e consequentemente não ocorrerá evolução, assim a essência dessa filosofia é o Amor.

Percebemos que o propósito de Platão era mostrar a verdadeira natureza do Eros e o seu objeto de desejo. Bem como, a concretização do desejo não poderia se restringir a objetos particulares e sim a algo mais transcendente. Neste sentido, a partir do movimento dialético de ascese, vemos a verdadeira condição de Eros, que ele é intermediário, responsável por fazer a ligação entre os que desejam e seus desejos, vinculando dessa maneira o Bem ao inteligível. Sendo assim, o filósofo é o amante perfeito e ideal, uma vez que ele não é totalmente ignorante e nem sábio, mas sempre um ser à procura da sabedoria.

Ao pensarmos que todos os discursos sobre Eros n’*O Banquete* já se encerraram, vimos que lhe faltava um, pois a fala de Alcibíades ainda não tinha sido proferida, pois o mesmo só se manifesta no final do *Simpósio* após a fala de Diótima. A partir da fala de Alcibíades vemos que, no *Banquete* a paixão desabrocha de forma clara e avassaladora, partindo para a outra face que é o discurso de Alcibíades. No entanto, o discurso de Alcibíades é dedicado a Sócrates, com sua paixão dionisíaca, ele é o jovem belo rejeitado pelo feio sábio.

Em seu discurso Alcibíades relata suas inúmeras tentativas de seduzir seu amado e nada conseguiu, pois sempre Sócrates escapava, fazendo-se de amoroso quando a posição que ocupava era de bem-amado e não de amante, diz Pessanha (2013, p. 100), “[...] Alcibíades é o amor-paixão, acorrentado à imediatez, ao presente, o sensível, à urgência do aqui e do agora”. Não compreendendo o real sentido de prorrogação e da ascese, não vendo então no amor uma aprendizagem, não aceitando a convocação para converter-se ao socrático-platônico do erotismo na amizade que chega ao ponto central na filosofia.

Gostaríamos de finalizar este artigo com a sensível reflexão de Pessanha, para quem no final d’*O Banquete*, uns se despediram enquanto outros dormiam, com exceção de Agatão, Aristófanes e Sócrates que conversavam partilhando da mesma taça, estando ela cheia de vinho ou palavras? O sono dominou primeiro a comédia de Aristófanes, não demorando muito a tragédia de Agatão é embriagada pelo sono e apenas o velho sábio se mantém acordado, e acomodando seus companheiros no seu leito antes de partir, dessa forma a filosofia itinerante, o *logos* em vigília que não se deixa adormecer, ou seja, a filosofia, enquanto todos dormem, ela se recusa a adormecer (PESSANHA, 2013, p. 100).

REFERÊNCIAS

COMTE, Sponville André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol. 1.

DROZ, Geneviève. **Os mitos platônicos**. Trad. Maria A. Ribeiro Keneipp. Brasília:UNB, 1997.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Os diálogos de Platão**: estrutura e método dialético. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JAYME, Paviani. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Filosofia; 123).

KELSEN, HANS. **A ilusão da justiça**. Trad. Sérgio Tellaroli; Rev. Sérgio Sérvulo da Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Justiça e Direito).

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor: In. NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da Paixão**. Ed. Cia. das letras, São Paulo, 1995.

PLATÃO. **O Banquete**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleika e João Cruz Costa. 5. ed. Nova Cultural: 1991. (Os pensadores).

PRECHT, Richard David. **Amor**: um sentimento desordenado. Trad. Claudia Abelíng. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

REALE, Giovanni; ANTISERI Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. Trad. Ivo Stomiolo. São Paulo: Paulus, 2003. (Vol. 1).

REALE, Geovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**: releitura da metafísica dos diálogos à luz das doutrinas não-escritas. São Paulo: Edição Loyola, 1991.

LINS, Regina Navarro. **O livro do Amor**. Vol. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

LINS, Regina Navarro. **O livro do Amor**. Vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

WATANABE, Lygia Araujo. **Platão, por mitos e hipóteses**: um convite à leitura dos diálogos. São Paulo: Moderno.

Recebido para avaliação em 29/05/2016

Aceito para publicação em 06/06/2016